

## **Primeira Edição do Concurso de Resenhas**

### Resenha Crítica do livro “Formação Econômica do Brasil” de Celso Furtado

Letícia Aragão de Souza Inacio\*

\*Estudante do curso de Ciências Econômicas (ICSA) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

## Resenha Crítica de “Formação Econômica do Brasil”

Em 2020, comemora-se os 100 anos de Celso Furtado – autor cuja complexidade e completude acrescentam não somente nas percepções acadêmicas, mas também pessoais e sociais. Tal fato apropria a comemoração às importantes atribuições do prestigiado economista ao Brasil, que, sem elas, o debate sobre o país enquanto latino-americano seria enviesado por um conceito voltado às atuais metrópoles mundiais.

Desta forma, convém ressaltar a relevância da atuação de Furtado na Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), de maneira a compreender a importância da integração e soberania regionais e do desenvolvimento econômico, perceptíveis em sua obra *Formação Econômica do Brasil*. Essa circunstância aproxima o Brasil a um considerável destaque voltado para as economias latino-americanas, uma vez que estas apresentam particularidades cujo entendimento é vital para uma análise completa da obra mencionada acima.

Sendo assim, no clássico, o autor confere ao pensamento econômico brasileiro a concepção de dependência fortemente imposta nos mais diversos contextos, que além de se adaptar às atualizações das estruturas econômicas, perdura desde as atividades econômicas iniciais do país.

Composto por cinco partes, *Formação Econômica do Brasil* se estende desde os primórdios da ocupação territorial do Brasil até a transição para uma economia industrial, abrangendo, assim, quatro séculos de história econômica. O livro conta também com uma introdução, na qual o autor esclarece que seu objetivo é oferecer o conteúdo para o grande público.

Nos capítulos iniciais, Furtado esclarece a relação de interesses nas terras americanas. Tal fato caracteriza a América como terras cuja utilidade não se limitou à fuga do controle otomano e restabelecimento do desenvolvimento europeu, pois apresentava vantagens em questões políticas das mais diversas. Pode-se citar as relações que Portugal mantinha com a Espanha enquanto potência colonial vizinha, e com a França, Inglaterra e Holanda.

Após importantes descobertas feitas pela Espanha, como os metais preciosos e o ouro, o interesse pelas Américas cresce consideravelmente na Europa. Tal fato, de acordo

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

com Furtado, impulsiona a colonização, uma vez que as demais nações europeias acreditavam que o pertencimento se baseava em ocupação efetiva.

No entanto, no contexto das pressões políticas, Portugal apresentava uma situação menos favorável que a Espanha, que já detinha riquezas suficientes para proteger as regiões mais lucrativas – que atualmente são México e Peru. No caso português, que havia de achar outra maneira de financiar a colonização do território brasileiro, encontrou êxito na exploração agrícola, especificamente na economia açucareira.

Nesse quesito, Portugal privilegiava-se de diversos fatores que garantiam o êxito da empresa agrícola, tais como a apreciação do açúcar na Europa, conhecimento prévio em plantação canavieira, além de uma aliança importante formada com a Holanda. Este último fator explica, portanto, o fomento ao desenvolvimento de engenhos no território brasileiro, atrelado ao refino e distribuição no norte da Europa. Porém, a problemática da mão-de-obra era persistente, e a exploração escravista africana foi a maneira encontrada para solucionar.

Diante disso, Furtado esclarece um ponto fundamental para o entendimento da questão, cuja abrangência reflete nos dias atuais, que remete à produção para o autoconsumo a fim de amenizar a escravidão. Em suas palavras, *“Com efeito, para subsistir sem trabalho escravo seria necessário que os colonos se organizassem em comunidades dedicadas a produzir para autoconsumo, o que só teria sido possível se a imigração houvesse sido organizada em bases totalmente distintas.”* (FURTADO, 1959) Bases estas que, ao analisá-las atualmente, persistem e excluem os mesmos desfavorecidos socioeconomicamente.

Ainda assim, Portugal obteve êxito tamanho que superou a Espanha em termos de estabilidade econômica, embora esta possuísse todos os meios mais oportunos para ultrapassar Portugal, tais como a proximidade geográfica com a Europa e mão-de-obra nativa densa. Porém, a decadência da economia espanhola, motivada pelo grande fluxo de metais preciosos da América Latina – ironicamente sua atividade mais lucrativa – causando déficits na balança comercial e inflação incontrolável, não permitiu que houvesse qualquer alternativa, senão o retrocesso econômico.

No entanto, embora parecesse que a colônia portuguesa tivesse atingido seu momento de desenvolvimento intenso com a parceria holandesa, a absorção de Portugal à Espanha durante o conflito com a Holanda causou um embargo na relação. Uma vez indispostos, os ibéricos com sua extrema organização e controle dos canais marítimos,

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

ocuparam terras brasileiras para adquirir experiência e competir com a colônia através da plantação canaveira nas Antilhas. Previsivelmente, tal rompimento causou impactos econômicos sem precedentes a Portugal – tais como a quebra do monopólio, queda da renda real e desvalorização da moeda portuguesa - forçando, assim, um estreitamento com a Inglaterra.

Deste ponto em diante, para analisar a colônia portuguesa e o Brasil, deve-se acrescentar a relação de dependência já mencionada, ainda que a aproximação com a Inglaterra tivesse trazido importantes facilidades políticas.

A produção açucareira nas Antilhas, controladas pela Holanda, Inglaterra e França, obtiveram seu sucesso em grande parte motivado pela coerção. França e Inglaterra, por exemplo, conseguiam ganhar ainda com os conflitos em seus territórios, o que motivou a população a migrar para a América. Além disso, havia sequestros e raptos. O crescimento populacional nas ilhas caribenhas, portanto, não foram impulsionados por desenvolvimento econômico da região, nem feito voluntariamente.

Porém, o impulso à produção cafeeira no hemisfério norte trouxe para a colônia portuguesa um estreitamento comercial com os Estados Unidos, o que ajudaria na conquista de autonomia brasileira posteriormente, fazendo frente à “tutela” inglesa.

Portugal, neste contexto, já havia se tornado um vassalo econômico da Inglaterra. As riquezas encontradas e exploradas na colônia, ao contrário do que logicamente se pensa, não eram enviadas para a Metrópole, e, sim, para a Inglaterra. Um exemplo desse fato é o ouro brasileiro, a contar as outras diversas regalias tributárias pós-independência. O fato positivo que pode ser pontuado na relação Portugal – Inglaterra é o apoio político durante a pressão napoleônica, que garantiu a independência brasileira mais cedo do que se poderia supor. Tal proteção, portanto, foi paga a altos custos, inclusive trazendo dificuldades econômicas para a recém-nascida república brasileira.

Durante os séculos XVI e XVII, que é decorrido por Furtado na segunda parte do livro, houve muito esforço de Portugal para que a produção açucareira brasileira obtivesse êxito, devido às enormes adversidades encontradas no território. Uma delas, por exemplo, era a escassez de mão-de-obra. Inicialmente, o trabalho escravo indígena foi de suma importância para o sucesso. Entretanto, os enormes lucros conquistados com a exploração do povo nativo nem sequer eram revertidos para o crescimento dos engenhos, tendo sido usados para financiar a vaidade dos senhores. Pois, segundo Furtado, a compra de artigos de luxo importados tirou da indústria açucareira a possibilidade de duplicação de sua

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

capacidade produtiva. Logo, não surpreende que tais estruturas, claramente vantajosas para os senhores de engenho, tenha perdurado por tanto tempo, atrasando consideravelmente o desenvolvimento da indústria. Além disso, com a compra de equipamentos do exterior, junto a extrema desigualdade de renda, era impossível pensar uma economia cujo crescimento fosse motivado por impulsos internos. Assim, caracterizava-se como uma economia semifeudal.

Ainda assim, a economia canavieira justificava a existência de outras atividades produtivas. Nesse caso, foi a pecuária. A criação de animais, por ser completamente diferente da plantação, era mais interiorizada. Portanto, os colonos com menor acesso a capital dominavam a atividade. Dessa maneira, a pecuária não tinha muitas chances de crescimento exacerbado, o qual acaba se tornando ainda mais lento após a queda no preço do açúcar. Por isso, o couro era a única fonte de renda dos criadores. O complexo nordestino, conseqüentemente, se tornou em uma economia de subsistência, garantindo apenas alimento para a população – fato que mantinha o crescimento vegetativo na região.

No século XVIII, após a crise da cana de açúcar, a procura por metais preciosos aumentou. Diversos fatores motivaram o aumento pelo interesse na mineração, como por exemplo, o baixo investimento e alta lucratividade. Além disso, a atividade apresentava uma nova maneira de estruturar as classes sociais, com maior mobilidade. Os escravos, no que lhes concernem, podiam comprar sua liberdade. Tais fatores marcam, portanto, a organização da economia mineira.

Ainda assim, apenas as maravilhas da alta lucratividade da mineração não foram suficientes para manter o mesmo compasso de produção por muito mais tempo. Embora os lucros fossem altos, eles não eram tão lucrativos quanto à produção açucareira. Porém, ela poderia ter sido utilizada como meio para desenvolver o mercado interno, não fosse o impedimento da Metrópole. Estava decretado, então, mais uma atividade fadada ao fracasso econômico.

Isso posto, o final do século XVIII foi representando por um declínio econômico nos dois ramos mais produtivos da economia brasileira. Um dos impactos causados foi a diminuição brusca da renda *per capita*, sendo o nível de renda mais baixo em todo o período colonial, segundo Furtado. Embora o cenário geral não fosse dos mais favoráveis para o conjunto sistêmico, as economias maranhense e paraense apresentaram uma base com diferente enfoque: o extrativismo. Dessa maneira, tornaram-se economias independentes e produtivas. O Maranhão, especificamente, obteve avanço maior pela

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

atenção portuguesa através de Pombal. Os investimentos eram altos, e assim, tornou o estado apto para exportações de grande porte de algodão. O caso era uma excepcionalidade no território, visto as sérias dificuldades econômicas em todas as demais regiões, principalmente causadas pelos conflitos externos.

Nesse sentido, houve um rápido momento de conquista de novos mercados para o açúcar e para o desenvolvimento de outras atividades durante o período de conflito. Pode-se citar a grande crise haitiana de 1789, que favoreceu o mercado açucareiro. Além desse, o crescente desenvolvimento industrial do Nordeste e a elevada demanda por algodão geraram um momento de prosperidade eventual e imprevisto.

À vista disso, tamanha eventualidade não duradoura causou ao Brasil outras dificuldades econômicas, em grande parte impulsionadas pela Inglaterra, visto seus acordos comerciais incoerentes. Com o governo central em extrema escassez de recursos financeiros, causando a perda de sua autoridade, viu-se um cenário insatisfatório e repleto de decadências, até nas províncias do Norte, que uma vez foram produtivas. Diante de tais fatos, a ocorrência de rebeliões armadas cresceu significativamente, refletindo o empobrecimento da população em geral. Nesse contexto, em 1830, o café se torna uma alternativa para mitigar a decadência.

Após três quartos de século de estagnação, percebeu-se que as poucas iniciativas governamentais para mudança do aparato administrativo rudimentar, expansão escassa de mão-de-obra e técnicas de produção inadequadas ao mercado externo, o café foi o que melhor apresentou alternativas para solucionar parte dos problemas. Um fator positivo para sua implementação foi o grau de capitalização mais baixo que o da indústria açucareira. Tal fato motivou não somente a formação de uma nova classe empresária dirigente, mas também uma alteração na concentração demográfica, com a imigração da mão de obra da região norte para a região sul do país.

No cenário problemático causado pela escassez de mão-de-obra, Furtado menciona a relação de mortalidade e natalidade entre os escravos africanos, sendo este primeiro maior que o segundo, comprovando as péssimas condições às quais estavam submetidos. Tal fato caracterizou uma deficiência para a economia açucareira, que já apresentava suas dificuldades. Diante dos embargos para a imigração africana, Mauá cogitou um regime de semisservidão com os asiáticos, mas preferia a imigração europeia, inspirando-se erroneamente nos Estados Unidos. Entretanto, o senador Vergueiro, que se dispôs a buscar soluções em sua própria conta, buscou, em 1842, oitenta famílias alemãs

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

para trabalharem em suas terras. Com o sucesso, outros fazendeiros fizeram o mesmo, formando uma nova estrutura trabalhista baseada na semisservidão. No Nordeste, a imigração da mão-de-obra era para a Amazônia, onde se produzia especiarias, principalmente cacau.

Posteriormente, com as adaptações e longas modificações às novas estruturas trabalhistas, a escravidão se diluiu lentamente e aos poucos. Ainda assim, houve um impulso motivado pela ideia de que a escravidão entorpeceria o desenvolvimento econômico.

Na segunda metade do século XIX, a economia cafeeira gerou um crescimento exorbitante no nível de exportações, de 214%. Porém, o Nordeste, cuja atividade não estava em alta no mercado externo, foi a região menos favorecida pelo crescimento. Na região sul, com aumento significativo de renda, o trabalho assalariado garantiu sua estabilidade, atraindo pessoas.

Nesse contexto, a nova rede de trabalho assalariado, como a cada mudança estrutural feita no Brasil desde os primórdios de sua colonização, trouxe problemas com o exterior. A adaptação ao padrão ouro foi um deles, esclarecendo as fragilidades de uma economia exportadora de produtos primários. No entanto, a manutenção de estáveis índices de empregabilidade e aumentos no salário médio refletiam positivamente na economia, como em produtividade e em nível de exportações, o que garantia uma defesa a permanência de um nível de emprego.

Após diversas alterações nas políticas monetárias internacionais e conflitos de guerra - tais como valorização da taxa cambial e o desemprego - o Brasil aparece em uma posição de controle e mais favorável que países próximos, visto a revalorização da moeda brasileira. Ainda assim, houve redução da renda *per capita* durante o período de guerra, uma tendência geral nos países envolvidos no conflito. Contudo, a modernização dos processos econômicos internacionais do momento impulsionou o país a desenvolver a indústria e intensificar o crescimento no pós-guerra, gerando ganhos múltiplos para o Brasil, mesmo que de forma passageira.

Houve um momento no Brasil em que a aparência geral, tanto política quanto econômica, era de amadurecimento após árduos processos de estruturação, sempre caracterizados pelas perdas, pelas más-gestões e pelas estratégias baseadas em escolhas feitas por países de estruturas completamente distintas. Furtado, ao definir as perspectivas para os próximos decênios, idealizou um país com uma concepção até otimista para o

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

elemento histórico que acabara de discorrer sobre. Atualmente, em um contexto pandêmico, supor as interpretações póstumas de Furtado seria difícil diante de sua magnitude. Porém, suas contribuições persistem para que se trabalhe a favor de um país idealizado de forma a garantir bem estar e integração, o que não tem sido feito, pelo contrário. Os esforços para tais garantias são justamente para desfigurá-las, fato que explica, em parte, a constante decadência socioeconômica à qual estamos inseridos.